

ODDITI OFFENO

EXPEDIENTE: Nossos pontos de vista não são necessariamente os alheios, mas responsabilizamo-nos por eles.

PENSAMENTO: "As horas são tão escuras que já deixam prever o fim da noite e a aurora".

(Lagarde)

APRESENTAÇÃO: Otto Maria Carpeaux, ao lembrar a frase acima, diz que o que nos dá o direito de citá-la é a consciência do dever cumprido. Mas, qual é nosso dever, não de questionar alguns. Cremos que a nossa consciência dita que, enquanto de posse de um ideal, devemos fazer o máximo para atingi-lo, e devemos dar o mais possível de nós mesmos para levar os que nos estão próximos à compreensão deste ideal, ao menos.

Assim, estas páginas estão primordialmente orientadas neste sentido. Queremos fomentar o diálogo, e não guardar o que pensamos apenas para nós.

Para este número, temos o noticiário do D.A., que deverá a partir de agora ocupar a página 2 do jornal. Chamamos especial atenção para o editorial, que expressa com bastante clareza e concisão o pensamento do Movimento Estudantil.

Na página 5, um convite à reflexão, e um instrumento para ela: o "Exame de Consciência" do Pe. Lebret.

Resolvemos, neste número do "Tiofeno", abordar um assunto bastante geral: o monopólio (seção de debates).

Aproveitamos a oportunidade para anunciar a próxima criação de uma coluna do C.E.B.E.N.Q., e para comunicar que nos estamos esforçando no sentido de que o próximo número venha impresso.

No entanto, apesar de toda nossa vontade de melhorar, nunca havemos de nos sentir realizados neste trabalho enquanto ele fôr apenas produto do esforço de poucos. Queremos ampliar nossa equipe, queremos fazer um "Tiofeno" o mais representativo possível. Para tanto, precisamos de todos.

Ainda uma notícia do interesse de todos: Foi realizado o Seminário Regional patrocinado pela UME, sendo estudado e discutido o acôrdo MEC-USAID, e suas implicações no contexto nacional. O resultado deste seminário deverá ser devidamente trazido a toda a Escola, havendo de servir como subsídio para nosso estudo sobre o assunto.

REDADORES: Bruno, Otávio, Flávio

COLABORARAM: Osvaldo, Carlos, Manuel, Francisco Antônio.

Continuando a programação do D.A.E.N.Q., foi lançado mais um número do TIOFENO (no mês de maio) e já se cogita de um próximo para agosto, possivelmente impresso.

Ainda no campo das publicações, temos a destacar o lançamento de primeiro caderno do C.E.B.E.N.Q. em 1967, que versou sobre o problema das anuidades, com objetivo de informar e levantar o debate?

-x-

Foram levadas a efeito duas feiras de livros: a primeira de caráter exclusivamente técnico, com livros russos, e a segunda de caráter geral, objetivando colaborar para um aprimoramento cada vez maior do nível cultural da Escola.

-x-

Fêz o C.E.B.E.N.Q. realizar três palestras, a saber:
 "DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA", com Frei Eliseu Lopes;
 "MÚSICA POPULAR BRASILEIRA", com José Ramos Tinhorão, e
 "CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO", com o cientista José Leite Lopes.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar sugestões e críticas sobre temas, horários e conferencistas, as quais devem ser enviadas a o C.E.B.E.N.Q.

-x-

Por outro lado, a comissão de ensino do D.A. conseguiu a aprovação de novo sistema de ensino para a Escola, que começará a vigorar com o atual primeiro ano. O trabalho encontra-se em fase final de redação na comissão e deverá ser impresso, distribuído e explicado ao 1º ano ainda durante este semestre, ou talvez no princípio de agosto.

-x-

Sob o patrocínio do nosso Cineclube, um grupo de colegas se lançou na produção de um filme de curta metragem, que retratará a realidade educacional brasileira. Em breve deverá estar pronto.

-x-

O Conselho de representantes continua a funcionar e reconhecendo os problemas gerais que afligem no momento a Escola e a Universidade. Houve por bem nomear uma comissão que levará a cabo um estudo aprofundado dos problemas que, quando pronto, será levado a debate para deliberações em Assembléia Geral, possivelmente no 2º semestre.

-x-

O Departamento de estágios, em pleno funcionamento, já está distribuindo estágios para as férias de julho a colegas interessados. Novamente as respostas às nossas solicitações para estágios foram mínimas, ra-

envolvimento e de mentalidade.

-X-

A A.F.E.N.Q., em pleno desenvolvimento, já possui um departamento para venda de material fotográfico, perfeitamente equipado, funcionando no D.A. Os interessados poderão procurar o colega Marco Urago.

-X-

A Atlético fez realizar o campeonato de futebol interno, do qual se sagrou campeã a equipe do 4º ano. Outras promoções estão sendo realizadas e novas programadas. No momento, luta-se para conseguir uma sala, que possibilite à Atlético funcionar mais a contento, atendendo a todos os alunos da Escola de Química.

-X-

Na última Assembléia Geral, foram aprovados os novos estatutos do C.E.B.E.N.Q., assim como uma proposta de repúdio a qualquer infiltração estrangeira em prejuízo dos interesses nacionais e no sentido de que se levasse a efeito um estudo e aprofundamento do MEC-USAID.

Durante esta assembléia foi votada uma lista triplíce para escolha do novo Diretor da Escola, que serviu como voto do Presidente do D.A. na Congregação. Os nomes - Profs. P. Emídio, A. Zamith e Rafael C. de Barros.

-X-

A coluna da Química passa agora a sair na edição dominical do "Correio da Manhã". Leiam e colaborem.

(Oswaldo F. dos Santos, Pres. do
D.A.)

Existe atualmente, no mundo, um fenômeno que crescentemente se desenvolve: O Movimento Estudantil. São jovens, normalmente universitários que se manifestam, ou melhor, que interferem ativamente na vida política de seus países. O fato marcante é que essa atuação, nascendo dentro das universidades, ganha perspectivas mais amplas, e passa a encampar não só a problemática universitária, mas o desenvolvimento da sociedade, a miséria, a opressão, a guerra, chegando às vezes a questionar a própria ordem político-social vigente.

Não sendo patente de ninguém, o Movimento Estudantil se desenvolve em todos os países do mundo: dos E.U.A. à U.R.S.S., do Japão ao Brasil. É um protesto, uma análise, e uma procura de soluções. Diferencia-se do "iê-iê-iê" e da "juventude transviada", do "beatnik" e da "esquerda festiva". dos primeiros, por não aceitar os pseudo-ídolos e os padrões de comportamento "rebelde" cuidadosamente impostos pela propaganda; dos últimos, por não aceitar a negação pura e simples dos padrões morais e intelectuais existentes, sem assumir as responsabilidades desta opção. Nega o conformismo dilacerante de "J.T." e o inconformismo apático e confortável da "festiva". A isto opõe a consciência e a ação.

A integração do M.E. na vida do país, seu amadurecimento, dá-se na medida em que vai tomando consciência da integração e interdependência das estruturas sócio-econômicas que formam o país. Sentindo as deficiências de sua faculdade, passa o estudante à ação reivindicatória no sentido de saná-las. Na medida em que falha esta ação e persistem as deficiências, começa o estudante, por outro lado, a notar problemas análogos em outras Faculdades. Em face de uma questão que se generaliza, e que deixa de ser de uma Faculdade para ser da estrutura educacional em geral, a ação reivindicatória adquire tonalidades políticas, já começa a interferir com outros grupos da sociedade, e com o governo em particular. O momento crucial desta evolução ocorre quando o estudante toma consciência - e seu acesso à cultura lhe possibilita a análise de: 1) as outras estruturas do país - sociais e econômicas, além da estrutura política por esta determinada - têm problemas análogos; 2) Estas estruturas são interligadas e interdependentes, ou seja, não é coincidência o existir semelhanças entre seus problemas: um existe em função dos outros. Neste ponto, a ação do estudante já se torna nitidamente política; não por uma determinação externa, mas por, uma evolução natural e pelo amadurecimento de sua consciência. Aqui se abrem os debates. Quebram-se os dogmas. Propõem-se as soluções. Utopias, radicais, extremadas, anárquicas, e finalmente corretas e justas. O importante é a procura destas, o estudo da realidade do país e do mundo. Sem estar entravado por interesses mesquinhos, sem respeitar o que é tradicional apenas porque é tradicional. E agir. Denunciar o que é errado. Modificar o que não serve. E não se aterrar ante o que é para fazer: Fazer o que é possível, e lutar para tornar possível o que ainda é impossível. E de novo a

nalizar, estudar. Análise-ação, um exigindo o outro: eis o binômio que se impõe, e que se impõe ao Movimento Estudantil.

A falta de compreensão de tal processos tem levado alguns estudantes, sobretudo em faculdades técnicas, a uma atitude de isolamento e encastelamento dentro de um individualismo ora apático, ora agressivo. "Estudante deve se preocupar apenas em estudar" (as matérias do curso, entenda-se) - é a sua bandeira. Provavelmente um raciocínio parecido leva o avestruz a esconder-se de seus inimigos metendo a cabeça num buraco. E de repente, o choque com uma realidade insofismável destrói a torre de marfim construída à custa de anos de alheamento de toda a problemática extra curricular. Vestibular, carência de vagas, pagamento de anuidades (não esquecer que o plano é cada universitário pagar o estudo de dois secundaristas), insuficiência do curso e dos professores, número anormal de dependentes e repetentes, jubilação da faculdade, fechamento de cursos noturnos, de faculdades (vide caso da F.N.Farmácia, ex-Farmácia e Bioquímica, que não tem mais Bioquímica), de Universidades inteiras (Brasília), e finalmente o golpe de misericórdia: a falta de emprêgos ao sair da Faculdade. É então, tardiamente, que este estudante percebe que, afinal de contas, o fato de haver a taxa de desenvolvimento do Brasil ter caído de 4 a 2% de 1965 a 1966, a existência de um "status" de estagnação econômica, tem algo a ver com ele; que a desnacionalização da indústria (já em 1959, 50% da indústria química) e a utilização de tecnologia importada não são, como ele pensava, demagogia de politiquieiros. É neste ponto que ele percebe que, a despeito de seu desejo em contrário, ele, o "estudante-padrão" está inserido em uma sociedade; percebe que o que nela acontece o atinge mais cedo ou mais tarde; que a fábrica que se fechou suprimiu o emprêgo que seria seu.

E o que poderia o individualista ter feito? Poderia ter conhecido esta situação antes de sofrê-la? Poderia tê-la denunciado antes; poderia tê-la estudado e proposto soluções; poderia ter lutado e se ter preparado para lutar contra ela; poderia ter aproveitado a comunidade universitária, seu intercâmbio de idéias e conhecimentos, sua unidade. Assim compreenderia esta sua situação e as análogas, na vida do país. Isto daria maior segurança e menor perplexidade, fá-lo-ia menos joguete dos acontecimentos e mais fator modificador destes.

"Estudante tem que estudar". Verdade. Porém, tem que estudar, mais que simplesmente as matérias profissionais. Tem que estudar seu país, sua sociedade, e os demais países e sociedades, o mundo, enfim, onde trabalhará.

Assim, podemos concluir que a participação estudantil ativa na vida do país, longe de desfigurar a Universidade, a completa. A Universidade passa de fábrica de profissionais, a formadora de homens em seu sentido total.

EUCLIDES

De uma honrada família de classe média, primeiro filho nasceu Euclides.

Como dói acontecer em um mundo que tem como problema a explosão demográfica em não consonância com o aumento de recursos materiais, aquela sensata família teve em Euclides seu único rebento.

O menino cresceu forte cresceu sadio.

Ao chegar à idade em que se começa a ter uma percepção das coisas que se convencionou chamar uso da razão, Euclides recebeu pela primeira vez o conselho que se haveria de repetir por muitas vezes, de mil modos, e por quase toda a sua vida: da boca dos pais, ouvia: Euclides, nunca andes por lugar algum sem que saibas onde pisas! Olha sempre para o chão. Pode ser que, se não o fizeres, tropeces; podes cair em algum buraco, ou mesmo podes vir a ter a perna quebrada por algo que te apareça no caminho. Ao caminhar pelas calçadas, filho meu, nunca descuides de olhar sempre ao meio fio, assim não hás de cair. Ao caminhar pela praia, Tesouro, nunca descuides de ter os olhos baixos, pois uma onda mais violenta te poderá surpreender.

Euclides tudo recebia e a tudo aceitava. Em consonância com esta docilidade, sempre foi muito cuidadoso ao andar pelas calçadas e pelas ruas, pela praia e pelo campo.

Assim viveu, assim morreu, nunca tendo visto um pôr do sol, sem que tivesse em tempo algum contemplado o luar, sem jamais ter olhado o céu azul.

ppm

-o-

IRENE

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença, meu branco!

E São Pedro, bonachão:

- Entra, Irene! Você não precisa pedir licença.

RENOVAR O EXAME DE CONSCIÊNCIA

É este o título de um livro publicado em 1959, de autoria do recentemente falecido L.J. Le Bret, padre dominicano. Trata-se de um compo de análises das principais faltas, dos principais pecados, por assim dizer, que a pessoa humana comete, dentro de sua família, de sua profissão, da sociedade, enfim: de tudo que o cerca, direta ou indiretamente. Assim, o livre inclui, por exemplo, o exame de consciência do profissional liberal, do operário, do marido e da esposa, do adolescente, de estudante, e mesmo os dos povos (sub-desenvolvidos, em fase de desenvolvimento, ocidentais e outros). Transcreveremos aqui o exame de consciência do estudante, por ser o que mais nos atinge como classe. Resta acrescentar que alguns dos tópicos apresentados não pertinem à nossa realidade, de brasileiros dentro de uma universidade brasileira. No entanto, preferimos por razões óbvias, apresentar texto da íntegra.

O ESTUDANTE:

Ingenuidade estudantil:

Querer ser popular ou original ao invés de desenvolver sua personalidade.

Julgar-se o centro do mundo.

Achar-se isento de qualquer influência.

Falar de tudo e julgar tudo com segurança.

Pensar que só se aprende nos livros.

Iludir-se sobre suas capacidades. - Perder tempo com estudos inúteis.

Não levar em conta as diferenças psicológicas dos sexos; não desenvolver sua personalidade em função dessa diferenciação.

Confiar demais em si; sob pretexto de camaradagem estudantil, tomar liberdade excessiva com colegas de outro sexo.

Honestidade intelectual:

Estudar só para passar no exame. - Não levar em conta sua formação humana.

Estudar pouco ou só por amorismo.

Estudar pouco, confiando na fama do colégio para obter boa colocação; esquecer que está contribuindo assim para diminuir esta reputação.

Estudar por alto, em vez de refletir.

Perder um tempo enorme em discussões.

Amar mais as idéias que a verdade.

Cair no ceticismo ou no ecletismo.

Não ser assíduo hem pontual.

Faltar às aulas, que julga inúteis, em vez de se esforçar para que haja modificação nos programas.

Pedir a outro para preparar sua tese

San desobediência por concupiscências ou exames. Usar o "cola"

8.

Se houver opção de matérias, escolher as mais fáceis, e não aquelas que apresentam verdadeiro interesse.

Limitar-se a estudar unicamente as matérias de seu curso ou de sua Escola.

Não ver a necessidade de uma reforma de ensino.

Sentido comunitário:

Não aprender a ver as reações sociais (mesmo as de seu meio).

Não frequentar os operários e a gente simples.

Está intelectualmente do lado dos operários, mas desprezar, na prática, os que não puderam adquirir cultura.

Não ser solidários com os colegas.

Usar das associações estudantis unicamente para fins pessoais.

Formar uma mentalidade de "grupinho".

Empurrar sempre para as mesmas pessoas os trabalhos coletivos.

Ser irônico e não suportar o "humor" alheio.

Evitar contatos com os professores.

Ou então procurar este contato, menos para uma boa formação, que para passar nos exames.

Não pensar no sacrifício que a educação representa para os pais.

Estar sempre pronto a defender suas reivindicações - mesmo discutíveis - e se indignar e se opor às greves operárias.

Esquecer que os estudos são um privilégio que impõe deveres para o bem comum.

Esquecer que, perdendo tempo nos estudos, muitas vezes se está tirando o lugar de outros.

Pensar que o diploma dá direito a privilégios.

Estudar só para ter uma posição social.

Equilíbrio:

Não ligar para a saúde, e, depois, preocupar-se excessivamente.

Desprezar o esforço físico regular, e não temer esgotar-se em excessos.

-0-

O que está escrito acima é muito pouco "digerível", se fôr lido de uma vez só. Cada parágrafo deve merecer uma reflexão, deve ser meditado, por quem tenha boa vontade, vontade de melhorar. Após que desejam melhorar foi dedicado o livro do Pe. Lebret, que certamente alguns tópicos iria acrescentar, se vivesse no Brasil de hoje.

CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção
 em que minha mãe se reconheça,
 tôdas as mães se reconheçam,
 e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
 que passa em muitos países.
 Se não me vêem, eu vejo
 e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
 como quem ama ou sorri.
 No jeito mais natural
 dois carinhos se procuram

Minha vida, nossas vidas
 formam um só diamante.
 Aprendi novas palavras
 E tornei outras mais belas

Eu preparo uma canção
 Que faça acordar os homens
 e adormecer as crianças.

Carlos Drummond de Andrade

-0-

CERÂMICA

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.

Sem uso,
 ela nos espia do aparador.

Carlos Drummond de Andrade.

ao menos em originalidade. Apresentam, de positivo, alta melódiosidade, e, o que é a característica marcante de tôdas essas composições, pureza.

Enfim, tiveram, na história da música, um papel importantíssimo, pois contribuíram para sustar a evolução da música para um sentido errado, que era o da fuga da leveza, que era o da música dos acordes monumentais, e das orquestras de cento e cinquenta elementos.

-o-

"FILHO DE LADRÃO"

... "Talvez seja difícil explicar, e talvez mais difícil ainda compreender, mas sempre foi e continua sendo assim: dá-me tempo para olhar, e fica contando tua mercadoria; dá-me tempo para sentir, e continua com teu discurso, dá-me tempo para escutar, e segue lendo as notícias do jornal, dá-me tempo para gozar a beleza do céu, de mar e do vento, e continua vendendo queijos e sabonetes; dá-me tempo para viver, e morre contando tua mercadoria, convencendo os estúpidos da excelência de ter programa de govêrno, lendo teu jornal ou traficando com teus produtos, comprados sempre por um preço inferior e vendidos por um superior. Se, além do tempo, me dás espaço, ou pelo menos não me tiras, melhor ainda: assim poderei olhar mais longe, caminhar mais do que pensava, sentir a presença daquelas árvores e daquelas rochas. Quanto ao mar, ao sol e ao vento não poderás tirá-los de mim, me impedir de fruí-los. Podes cobrar-me para vélos, antepores obstáculos a minha fruição, mas sempre encontraremos forma de burlar-te. O homem aguilhoa o homem, coisa que o boi não faz com o boi: anda depressa, não demora, o freguês está esperando, leva isto, trazê isso, fazê aquilo, despacha tal coisa, e aguilhoando aos outros se aguilhoa a si mesmo".

O texto acima é tirado do livro "Hijo de ladrón", de Manuel Rojas, o principal escritor chileno da atualidade. Traduz êsse parágrafo uma revolta que é mais que o produto de divagações intelectuais: é uma revolta vivida. O livro, de cunho autobiográfico, trata de um rapaz, cujo pai tinha uma profissão, que, como êle mesmo diz, "não podia ser mencionada em voz alta". Prêso o pai, o protagonista sai a viajar, ainda adolescente, pelo Chile e pela Argentina, em uma permanente busca de trabalho e de comida, travando conhecimento com tôda uma gama de modos de pensar e de sentir, de maneiras de viver e de esperar, que em todos os personagens do livro, encontra um denominador comum: a pobreza. É tôda uma filosofia da pobreza, uma "cultura de pobreza", o que o romance transmite ao leitor. Menos importantes são os fatos que os personagens: êstes dominam de tal forma o livro, que os acontecimentos são relegados quase que a plano secundário.

Obra corajosa, obra real, sentida será por todos aquêles que busquem a realidade.

Capitalismo Monopolista: uma introdução ao debate

"Qualquer consórcio ou associação que cobre 80% da produção disponível de um determinado bem de consumo pode ditar os preços pelos quais os restantes 20% venderão seus produtos concorrentes, e assim pode se dizer que este grupo tem um monopólio efetivo" (Encyclopaedia Britannica).

Ao contrário do que se costuma pensar, o monopólio completo não é essencial para o exercício do poder monopolístico.

Em 1822, quando da independência política do Brasil, houve como que uma transação entre Portugal e Grã-Bretanha, que passou a exercer quase que diretamente seu domínio sobre o então jovem país. Durante o século dezenove, fomos colônia econômica da Grã-Bretanha. Em fins do século os Estados Unidos foram começando a deslocar os ingleses, num processo que culminou depois da primeira grande guerra na criação de um "status" que de quase integralmente predomina até hoje.

A seguir, o mundo assistiu à concentração da produção cada vez mais nas mãos de grupos cada vez menores em número. Esta concentração atingiu seu grau máximo na medida em que estes monopólios dominaram a economia americana, e chegaram, lá, a dominar completamente o Estado, dirigindo enquanto isto seus tentáculos no sentido do estendimento de seu domínio a outros países, através da exportação de capitais.

Chegando ao poder, não contentaram os monopólios com o lucro médio; os preços de monopólio são inevitavelmente mais elevados que os preços de produção, assim garantindo a obtenção de lucros máximos.

Ora, numa sociedade dominada quase inteiramente pelo monopólio, os preços tendem a estar em uma situação de alta constante, o que diminui, o poder aquisitivo da população. Quando a situação se torna insustentável, as pressões sociais obrigam a um aumento geral dos salários. Isto leva, como todos sabem, à inflação. Sucede que os teóricos do capitalismo afirmam que este ciclo se inicia com o aumento dos salários, e não com o aumento dos preços. Estranho, como estranho é, também que, nunca tendo sido provada sua esdrúxula tese, governos há que procedem como se a considerassem um autêntico dogma, e colocam como uma das mais eficazes ferramentas para o combate à inflação, o congelamento dos salários.

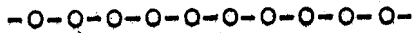
Na prática, chega-se a mais: à diminuição do salário real.

Assim, coloca o governo brasileiro como perspectiva para 1967 uma taxa infacionária de, conforme os próprios porta-vozes do governo afirmam, de "somente 30%". Conseguirá? Tem conseguido até agora os resultados que apregoa ter obtido? Ou será que as estatísticas oficiais têm estado demasiadamente otimista?

Para combater a inflação, os governantes brasileiros a partir de 1964 sacrificaram a classe operária, a classe média, e, finalmente, o próprio empresariado nacional (veja-se Jaffet, Mattarazzo, e outros).

No entanto, a inflação está aí (menos, é verdade, mas está aí, forte e sadia). O aumento do custo de vida, estamos-lo sentindo na carne, e senti~~-mo~~-emos sempre, enquanto não fôr combatido o monopólio, a maior fonte de inflação.

Resta dizer que o que está escrito acima não pretende ser a expressão da verdade absoluta e total. É, apenas, a tentativa de um início de debate. Quem discordar do que está acima escrito, tem a palavra.



Com grande pesar e decepção, não recebemos nenhuma resposta ao que foi escrito no número passado. Não queremos, não podemos e não pretendemos ser os donos da verdade absoluta, da verdade total. Queremos, isto sim, o diálogo. Esperamos ser correspondidos..

